



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

CLARA DA SILVA MACIEL

**REGIONALIDADE: A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE E DAS PERSONA-
GENS DIADORIM, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E A MULHER DO MÉDICO, DE
JOSÉ SARAMAGO**

**CAMPINA GRANDE
2023**

CLARA DA SILVA MACIEL

REGIONALIDADE: A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE E DAS PERSONAGENS DIADORIM, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E A MULHER DO MÉDICO, DE JOSÉ SARAMAGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152r Maciel, Clara da Silva.
Regionalidade [manuscrito] : a construção do ambiente e das personagens Diadorim, de João Guimarães Rosa, e A mulher do médico, de José Saramago / Clara da Silva Maciel. - 2023.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.
"Orientação : Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira., Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC. "
1. Regionalidade. 2. Literatura. 3. Análise literária. I. Título
21. ed. CDD 801.95



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

FOLHA DE APROVAÇÃO

CLARA DA SILVA MACIEL

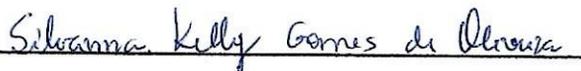
REGIONALIDADE: A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE E DAS PERSONAGENS DIADORIM, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E A MULHER DO MÉDICO, DE JOSÉ SARAMAGO

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em Língua Portuguesa.

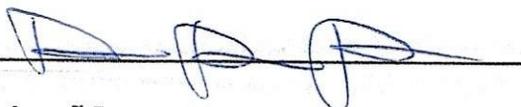
Área de concentração: Literatura

Aprovado em: 30 / 11 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Silvana Kelly Gomes de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

8

“Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão mudando.”

João Guimarães Rosa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REGIONALIDADE NA LITERATURA	7
4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS E DOS AMBIENTES À LUZ DA REGIONALIDADE	13
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

**REGIONALIDADE: A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE E DAS PERSONAGENS
DIADORIM, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E A MULHER DO MÉDICO, DE JOSÉ
SARAMAGO**

**REGIONALITY: THE CONSTRUCTION OF THE ENVIRONMENT AND
CHARACTERS IN 'DIADORIM' BY JOÃO GUIMARÃES ROSA AND 'THE
DOCTOR'S WIFE' BY JOSÉ SARAMAGO**

RESUMO

A literatura como expressão artística e reflexo da sociedade frequentemente se enraíza em elementos regionais, capturando a essência, as tradições e os valores de determinado local. Este artigo propõe uma análise aprofundada da presença e relevância da regionalidade das respectivas obras literárias, *Grande Sertão: Veredas* e *Ensaio sobre a Cegueira*, escritos de João Guimarães Rosa e José Saramago. Enfatizou-se a construção e o desenvolvimento das personagens e dos ambientes, destacando o aspecto geográfico e como as peculiaridades locais influenciam na narrativa e na concepção das personagens. Foram abordadas também a definição e a importância da regionalidade na literatura, evidenciando como essa temática revela nuances culturais. Ademais, foi analisado o seu surgimento e crescimento dentro da literatura brasileira, bem como o seu impacto para a elaboração de obras que antes eram vistas apenas como regionalistas, mas que através da regionalidade foi possível encontrar também um caráter e aspecto universal. Portanto, a composição do artigo baseou-se em diferentes teóricos e críticos para que pudesse chegar ao resultado desejado de apresentar a regionalidade dentro de *Grande Sertão: veredas* e *Ensaio sobre a cegueira*.

Palavras-Chave: Regionalidade. Literatura. Personagens. Ambiente.

ABSTRACT

Literature as an artistic expression and reflection of society is often rooted in regional elements, capturing the essence, traditions, and values of a given place. This article proposes an in-depth analysis of the presence and relevance of regionality in the respective literary works, *Great Hinterland: paths and Essay on Blindness*, written by João Guimarães Rosa and José Saramago. The construction and development of the characters and environments were emphasized, highlighting the geographical aspect and how local peculiarities influence the narrative and the conception of the characters. Also addresses the definition and importance of regionality in literature, highlighting how this theme reveals cultural, its emergence and growth within Brazilian literature, and its impact on the elaboration of works that were previously seen only as regionalist, but that through regionality one can also find a universal character and aspect. Therefore, the article was based on different theorists and critics so that it could reach the desired result of presenting regionality within *Great Hinterland: paths and Essay on Blindness*.

Keywords: Regionality. Literature. Characters. Environment.

1 INTRODUÇÃO

É compreensível, de longa data, que a literatura é um campo vasto de desenvolvimento artístico e cultural e através dela conseguimos desvendar um universo multifacetado de significados e reflexões. Entre as múltiplas formas de representação da sociedade na literatura, nos deparamos com alguns recursos de descrições bem interessantes e, para o presente artigo, necessários de serem apontados.

Há menos de meio século nos encontramos com o regionalismo tomando forma e se desenvolvendo dentro das narrativas, construindo assim várias obras de caráter regionalista. Junto ao seu crescimento, também vimos um forte estigma em relação ao seu valor estético, ou seja, o seu caráter denso de narração dos diferentes espaços físicos nacionais e isso passou a ser observado de modo que causava estranheza. Conforme a globalização foi se expandindo e assumindo posição dentro do país, não estava mais em harmonia uma literatura que não retratava as mudanças da era e por vezes ainda remetia ao passado.

Passamos então para uma fase em que o regionalismo permaneceu dentro das obras, mas podemos enxergar à luz do que entendemos por regionalidade. Esse aspecto, até considerado uma evolução do regionalismo, se detém a prosseguir com a estima ao lugar, mas consegue ir além, reconhecendo o seu significado e como o ambiente irá atuar na construção das personagens e da ambientação da obra.

As obras em estudo, *Grande Sertão Veredas* (1956) e *Ensaio sobre a cegueira* (1995), respectivamente de João Guimarães Rosa e José Saramago, individualmente, já serviram de sustentação para vários estudos a respeito da construção do caráter universal na literatura, o que de fato é possível notar diante da leitura dedicada às obras. Todavia, o presente artigo se detém a analisar a construção da regionalidade dentro dessas obras na formação das personagens e dos ambientes nos escritos dos autores Rosa e Saramago.

Essa visão intrínseca das obras partiu da sensação pós-leitura de que os diferentes lugares de cada obra carregavam algo em comum e a análise de cada uma proporcionou a ampliação dessa sensação. Sendo assim, é necessário responder a questionamentos internos de como nos encontramos dentro das narrativas, estando elas distantes da nossa realidade, como um espaço poderia representar “toda parte”; e como as obras em estudo transfiguram os seus espaços físicos, colaborando para a construção das personagens e do próprio ambiente.

Tivemos o objetivo de responder a essas indagações, mas também compreender a distância literária de regionalismo e regionalidade, como esses aspectos influenciam no interior das narrativas, e entender o aspecto universal que se desenvolve tanto em *Grande sertão: Veredas* quanto em *Ensaio sobre a cegueira* através da regionalidade. Diante disso, procuramos nos valer de teorias que pudessem consolidar essas ideias. O sertão-mundo de Rosa e o manicômio de Saramago atravessaram as barreiras dos espaços físicos (rural e urbano) e se encontraram, construindo um ambiente que promoveu características de adaptabilidade, controle emocional, coragem e resiliência.

Para entendermos mais a respeito desse percurso e podermos explorar de forma mais profunda o artigo, utilizamo-nos da pesquisa bibliográfica, dividindo a análise por etapas. Primeiro nos detivemos a analisar o recurso da regionalidade dentro da literatura, traçando também a sua diferenciação e do regionalismo; partimos em seguida para o resumo das obras analisadas, a fim de situar os ambientes e enredos das obras; e finalizamos com o estudo pontual da atuação da regionalidade dentro das obras através das personagens e dos espaços.

Por isso, seguimos os estudos de Ligia Chiappini (1995) que analisa e descreve o regionalismo na literatura; também como base teórica utilizamos o artigo de Olavo Barreto de Souza e Silvana Kelly Gomes de Oliveira (2016), a fim de se obter uma melhor compreensão e diferenciação de regionalismo e regionalidade. Somado a isso, utilizamos o artigo de José Carlos Garbuglio (1979) no qual o autor descreve sobre o regionalismo, apontando suas nuances em obras no geral, e categoriza o regionalismo de forma suprema; ainda nos valem das pontuações de Afrânio Coutinho (1955) quanto ao regionalismo e ficção; e para o embasamento mais amplo do contexto em que a regionalidade veio surgindo, Alfredo Bosi (2017). Essas bases teóricas foram necessárias para concluirmos a defesa da presença e atuação da regionalidade dentro das obras *Grande sertão: veredas* e *Ensaio sobre a cegueira*.

2 REGIONALIDADE NA LITERATURA

Primordialmente, para uma melhor compreensão de obras regionalistas, se faz necessário voltarmos no tempo e navegarmos no período em que a literatura começou a dar seus sinais de nascimento. Na Europa a literatura já estava bem mais consolidada quando comparado ao Brasil Colônia. Contudo, com a formação do Estado nacional por volta do século XIX, passou a existir uma necessidade e busca por pertencimento, reconhecimento da região, suas características, culturas e valores, o desejo de uma identidade. Por isso, quando o romantismo chegou ao Brasil, cresceu a necessidade de uma identidade nacional e, como é popularmente dito nas aulas de literatura brasileira nas escolas, os autores brasileiros mergulharam e beberam das fontes para entender e compreender quem era o homem “comum” e como era a sua vida longe da vivência nos centros urbanos.

Diante disso, no final do século XIX, o movimento literário brasileiro viveu significativas mudanças, assumindo em algumas obras um caráter mais regional, o que proporcionou uma escrita com traços marcantes de diversos lugares brasileiros, com bastante atenção para o sertão nordestino. Foi uma maneira de valorizar as terras, mas também de construir um novo episódio na literatura, ou seja, a arte no Brasil estava sendo transformada pelos elementos naturais e ainda mais, nacionais.

Nesse período relevante na história da literatura brasileira, tornou-se comum encontrar obras que carregavam esse traço descritivo das regiões, das belezas das terras, da vida do homem no campo/sertão e até mesmo das dificuldades regionais, o que Alfredo Bosi aponta como “um regionalismo tenso e crítico” (p. 454). Contudo, algo que, juntamente se intensificou, foi a construção do caráter humano diante do seu local de inserção, e Bosi defende isso como sendo uma transformação do regionalismo. Em sua obra *História concisa da literatura brasileira* (2017), ele destaca que quanto a essa mudança, pois “alguns prosadores têm ensaiado sínteses formais novas que procuram dar ênfase nos aspectos humanos universais que a matéria provinciana ou rústica lhes propicia” (p. 456). Já era possível notar que começava uma mudança no sentido de obras regionalistas e seu impacto através da leitura.

De modo frequente, quando ocorre a descrição das características dos espaços geográficos reais em determinadas obras, designa-se por obras regionalistas, como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos; *O mulato*, de Aluísio Azevedo; *Os sertões*, de Euclides da Cunha, são exemplos de obras tradicionalmente conhecidas como regionalistas pela retratação da sociedade através das personagens e também dos espaços que direcionam as atenções para um lugar rural brasileiro, comumente, o sertão nordestino.

Souza e Oliveira destacam que: “o discurso da obra regionalista vale-se de uma identidade que a qualifica como tal, determinando a região vislumbrada pelo texto literário” (Souza; Oliveira, 2016, p. 45). Sendo assim, se faz notável que o regionalismo, presente nas mais diversas obras regionalistas brasileiras possui de fato o sentido de evidenciar o espaço geográfico rural, o lugar físico da narrativa, como indica Chiappini:

No limite, toda obra literária seria regionalista, enquanto, com maiores ou menores mediações, de modo mais ou menos explícito ou mais ou menos mascarado, expressa seu momento e lugar. Historicamente, porém, a tendência a que se denominou regionalista em literatura vincula-se a obras que expressam regiões rurais e nelas situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades linguísticas (Chiappini, 1995, p. 155).

Vale salientar que o aspecto regionalista presente em diferentes obras literárias, assim como nas que já foram citadas, possuem enredos dentro do local rural e que se referem ao espaço físico tangível e concreto que rodeia as personagens. Podemos entender, a partir disso, o exercício do próprio autor a fim de situar a sua obra e de realizar determinada correspondência da imaginação com a realidade. Em suas palavras acerca das características da obra regionalista, Garbuglio pontua:

O componente central da obra regionalista pode ser atribuído ao seu caráter mimético, preocupação que leva o autor à procura de pontos que facultem ao leitor o reconhecimento de certa região, tomada figurativamente, como dado de partida. Ao realizar a obra, o escritor se esforça por criar a ilusão daquela realidade, conformando-a, está claro, a seu modo específico de enxergá-la (Garbuglio, 1979, p. 42).

Sob a mesma luz, no entanto, com um foco mais preciso, encontramos o recurso da regionalidade que constrói a ambientação das obras e que desenvolve um aspecto diverso às obras em questão deste artigo. Ao explorar as peculiaridades de uma determinada região, o escritor pode criar obras que capturam a essência de culturas específicas, desvendando suas complexidades e singularidades. E ainda consegue manter sua liberdade de escrita e de compreensão ao construir obras com fortes descrições regionais, mas não as limita pela questão do espaço físico, o que normalmente é narrado à luz da regionalidade. José Carlos pontua quanto a essa liberdade de escrita do autor:

[...] com a finalidade de melhor alcançar seu objetivo, ele amplia e modifica, deforma e seleciona, isola e singulariza certos traços e busca a projeção da imagem que permita o reconhecimento de aspectos capitais, colhidos com o fim de caracterizar determinado espaço geográfico (Garbuglio, 1979, p. 42).

É relevante destacar que, com a imensa variedade de enredos, lugares, personagens, fatores psicológicos que nos cercam, a regionalidade tão presente na literatura revela diversas projeções do que chamamos de ilusório e do real, podendo movimentar-se nas características dos mais múltiplos cenários. Difere-se das obras de natureza regionalista que se voltam apenas para o meio rural na construção tanto das personagens quanto do ambiente. A regionalidade se mantém no espaço físico, tendo-o como ponto fundamental da obra, mas também está para além disso, tem seu foco para a vida no espaço e no social.

Com isso, entendemos que a regionalidade poderá estar presente também no meio urbano ou no ambiente psíquico, como acontece em algumas obras de Clarice Lispector, mas também em uma das obras analisadas, *Ensaio sobre a cegueira*. Sua narrativa não ocorre em ambiente rural, mas a regionalidade está fortemente marcada na obra, com os traços de personagens desprendidos do meio em que a narrativa acontece, mas que foram construídas com a relação intrínseca que o espaço e as vivências proporcionaram.

Antes de entender mais profundamente sobre a atuação da regionalidade, é preciso compreender brevemente dois pontos fundamentais das narrativas: personagens (e suas classificações) e o que aqui vamos tratar inicialmente de espaço - pois com o espaço também temos ambiente e ambientação. Para isso, tomaremos como base o estudo de Franco Júnior (2009) a respeito dos operadores de leitura da narrativa. Franco descreve as personagens como as “representações dos seres que movimentam a narrativa por meio de suas ações e/ou estados” (p. 38). Com isso, ainda as classifica de duas maneiras: de acordo com sua importância para o desenvolvimento da história; e segundo o seu grau de complexidade psicológica.

Essas classificações vão além do que se trata da diferenciação de cada uma, pois, no campo de importância para a história, encontramos as personagens principais e secundárias, que seus lugares são definidos com base nos seus envolvimento na obra; e partindo para a densidade psicológica, temos a personagem plana - que tal classificação ainda traz a personagem tipo e a personagem estereótipo; em que a primeira trata da identificação que ocorre por meio da categorial social, suas ações limitam-se com a categoria que está inserida; e em segundo - a estereótipo define-se pela acumulação de signos que caracterizam determinada categoria social, basicamente, os detalhes sociais ou ambientais atribuídos a tais personagens.

Ainda seguimos com a personagem plana com tendência a redonda - que é vista com grau mediano de densidade psicológica e suas ações podem “contrastar com a sua caracterização psicológica” (p. 39), e a redonda, que apresenta grau alto de complexidade psicológica, sofre mudanças em “relação aos atributos que caracterizam seu ser e o seu fazer” (p. 39). Visto isso, podemos aqui já delimitar que as personagens em análise, Diadorim e a Mulher do médico, se encaixam bem melhor ao segundo tipo de classificação de Franco Junior, a respeito do grau de complexidade psicológica e se tornam personagens redondas, pois carregam fortes aspectos psicológicos e grande parte de suas ações são imprevisíveis ao leitor.

Quanto ao outro ponto fundamental, Franco Junior (2009) trata o espaço como “o conjunto de referências de caráter geográfico e/ ou arquitetônico que identificam o(s) lugar(es) onde se desenvolve a história” (p. 45). Portanto, compreendemos que espaço se refere exatamente ao lugar físico que o escritor escolhe para a sua narrativa.

Além disso, o estudioso apresenta sobre o ambiente e diz que é o que caracteriza determinada situação dramática em determinado espaço, ou seja, afirma que o ambiente é a consequência das ações, normalmente das personagens, é o que nomeamos de forma simples como o “clima” que ocorre em determinada situação. Por fim, ainda pontua sobre a ambientação, na qual categoriza em três, sendo elas: franca, reflexa e oblíqua, descrevendo a ambientação como “a identificação do modo como o ambiente é construído pelo narrador” (p. 46). De modo mais compreensível, a ambientação parte inicialmente do escritor ao passo que faz suas escolhas para o todo, já que é no processo de escrita que a ambientação começa a encenar.

Considerando ainda as três categorias, Franco Junior (2009) nos traz um narrador heterodiegético, que não participa dos eventos que narra; na reflexa, a

ambientação se constrói focalizando em algumas personagens, que por sua vez ficam responsáveis por, a partir de suas percepções, elaborarem o ambiente; por fim, na ambientação oblíqua o ambiente é construído por um “efeito de sugestão” diante das ações das personagens. Com isso, fica compreensível que, ao tratarmos de espaço, estaremos nos referindo ao meio físico, sobre ambiente falamos quanto à atmosfera existente nas obras e, na ambientação, sobre a compreensão do ambiente através do que o narrador proporcionou.

No tocante à regionalidade, é necessário deixar exposto que: (1) não está referenciada somente ao ambiente rural, mas não o anula; (2) o aspecto universal é quase sempre marcante. Souza e Oliveira (2016, p. 46) defendem o primeiro ponto quando dizem que os processos de regionalidade “podem não se circunscrever, tão-somente ao espaço rural”. Tendo em vista que toda obra literária estará situada em um algum lugar geográfico (mesmo que não venha ser mencionado na obra ou não seja especificado), independentemente de ser rural ou urbano, a narrativa terá um espaço, e de forma cuidadosa, cabe ao escritor se ater de construir toda a atmosfera que permeia e sustenta a obra elevando o ambiente, considerado aqui como recurso narrativo. Ou seja, o escritor irá se apropriar de um determinado espaço (físico) para situar a obra e dar significado, trazendo características próprias, mas com o ambiente (atmosfera) para além do lugar e construindo personagens completas, mas não tão densas.

Portanto, será nessa percepção que uma obra poderá se tornar universal, pois diferente da noção de espaço que diz respeito ao lugar geográfico onde acontece a narrativa, o ambiente envolve a obra como um todo, a trama, as ações e comportamentos de cada personagem, relacionando-se também com a moral, com as ações, com a época, ou seja, é uma noção abrangente quanto a tudo que ocorre na obra. Nas obras literárias, o processo da regionalidade, juntamente com o ambiente, desenvolve a atmosfera psicológica das vivências, inquietações e interações frequentes dos personagens. Afrânio Coutinho (1955) descreve sobre a regionalidade, adentrando no campo universal e ainda se utilizando de outro termo considerado um regionalismo amplo. Diz também que uma obra de arte é regional se apresentar em segundo plano um lugar específico, mas que também uma obra pode estar localizada em uma região, mas abordar assuntos universais de maneira que essa peculiaridade local seria apenas circunstancial.

3 NAS PASSAGENS DE GRANDE SERTÃO VEREDAS E ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

A leitura do clássico *Grande Sertão Veredas* é, de fato, uma travessia, assim como o narrador-personagem sempre fala e busca em toda sua história. A obra do grande romancista brasileiro João Guimarães Rosa foi publicada inicialmente em 1956, é considerada um dos maiores romances da literatura brasileira e revolucionária no cânone brasileiro. Guimarães escreveu relevantes obras em que sempre se reinventou como escritor e trouxe novos significados para a literatura brasileira. Assim como o aspecto de desprendimento que criou em *Grande Sertão: Veredas*, sua literatura foi expansiva, tomando nota do termo utilizado por Mylena Queiroz (2022) em estudo da literatura rosiana, construindo-se uma literatura de transfronteira.

O romance se passa no sertão mineiro, com travessia para outros estados, como Goiás e Bahia, e ainda o Rio de Janeiro, apesar de a localização exata não ser tão enfatizada na obra, pois a maior atenção é para a construção do “sertão-mundo”.

Os acontecimentos são narrados em primeira pessoa, definida por Franco Junior como um narrador protagonista:

Um narrador que narra necessariamente em 1ª pessoa, limitando-se ao registro de seus pensamentos, percepções e sentimentos. Narra, portanto, de um centro fixo, vinculado necessariamente à sua própria experiência, já que, como o próprio nome diz, é o protagonista da história narrada (Franco Junior, 2009, p. 43).

Guimarães Rosa trouxe a partir desse romance o regionalismo para a frente da literatura, porém, transpondo uma mudança significativa em que se apropriou dos espaços físicos, construiu personagens que até a atualidade os estudos ainda deixam abertos e desenvolveu o “mitopoético”, como afirma Bosi (2017, p. 461).

Rosa constrói a vida do ex-jagunço Riobaldo sem quebras de capítulos, escrita na forma de um monólogo, onde Riobaldo narra a história de sua vida anos após tudo o que viveu para um “senhor doutor” que está de visita em sua casa. Não há interrupções por parte do “senhor”, como assim chama Riobaldo, pois o ex-jagunço é o único que fala e que tem total controle e conhecimento da narrativa.

O romance, embora não seja dividido por capítulos, assim como toda narrativa, tem seus pontos de conflitos que conseguimos categorizar. De início, Riobaldo apresenta sua juventude, antes mesmo de entrar no bando de jagunços. Os primeiros momentos são os mais difíceis de leitura, pois o narrador apresenta fatos aparentemente desconexos, porém mais filosóficos, e por essa razão torna-se uma compreensão mais complexa. A narrativa é vista toda na perspectiva de Riobaldo, portanto, ao analisar Diadorim, a personagem feminina, que é chave no romance, só é possível interpretá-la pelo que é narrado por Riobaldo.

A partir da morte da mãe de Riobaldo e do seu encontro com Reinaldo (nome falso de Diadorim) na travessia do Rio São Francisco, fica mais claro o desenvolvimento da história, quando Riobaldo começa a fazer parte do bando de Zé Bebelo, depois deserta e vai para o bando de Joca Ramiro, em razão da sua amizade com Reinaldo. A história narra 2 grandes guerras que definem a trama: a primeira é entre o bando de Zé Bebelo (onde Riobaldo iniciou na vida de jagunço), pois esse queria o fim dos jagunços na região, contra o bando de Joca Ramiro (que Riobaldo já faz parte). Essa guerra resulta na condenação de Zé Bebelo que foi proibido por Joca Ramiro a voltar naquela região, e então o Hermógenes, antagonista na trama, insatisfeito com a decisão de Joca Ramiro, tempos depois junto de Ricardão, mata-o.

A partir desse momento, o objetivo de vida de Diadorim (Reinaldo) é vingar a morte de Joca Ramiro, seu pai. Antes da segunda guerra, Riobaldo faz um pacto com o diabo e, por isso, ele passa a ser líder do bando e se torna conhecido por Urutú Branco: “A rente, Riobaldo! Tu é o chefe, chefe, é: tu o Chefe fica sendo...” (p. 315). O confronto final se dá nas Veredas-Mortas, em que Diadorim mata Hermógenes (p. 425), porém também é ferida e morre.

Riobaldo, que durante toda narrativa foi apaixonado por Diadorim, apenas quando ela já está morta é que descobre que ela era uma mulher e entende a sua paixão reprimida. O caráter regionalista da obra se dá na construção dos detalhes de cada lugar, e nas próprias falas de Riobaldo, na marcação e descrição do espaço, da vida das personagens.

Outra obra que está no foco do presente artigo é *Ensaio sobre a cegueira*, do escritor português José Saramago, publicada pela primeira vez em 1995, cuja narrativa provoca diferentes visões acerca dos personagens e reflexões da vida. Saramago foi um romancista contemporâneo (1922 - 2010), e o seu período literário diz muito

sobre suas obras, em especial, o romance analisado – a obra pertence a uma segunda fase da escrita de Saramago. Portanto, o enfoque deixa de ser a identidade nacional e passa para temas filosóficos e universais. Com características peculiares, a contemporaneidade traz como bagagem literária a mistura de gêneros, o encontro do mundo real com o mundo ficcional, uma atração pelo passado, embora seja relatado com algumas inverdades e modificações, pois não há uma alusão direta às histórias.

Assim como *Grande Sertão Veredas*, a obra não é dividida em capítulos, o que também torna uma leitura mais densa, e por tratar de diversas temáticas, como saúde, política, violência sexual e homicídios, dentro de uma “epidemia” é comum o receio à obra. Por sua vez, o título do livro também se torna chamativo quanto ao seu conteúdo, o termo “ensaio” também é um gênero com caráter reflexivo, mas, detendo-se ao seu significado também pode ser considerado como: análise, experimentação prévia, experiência. Ainda é possível observar as características da escrita de José Saramago, com base no que já vimos no estudo de Franco (2009), pois o narrador é observador, sendo também onisciente, relatando o psíquico dos personagens com grande definição, narrando os acontecimentos, as transições entre cada um; descreve com detalhes a perspectiva de cada personagem e, apesar de uma das personagens principais ser a mulher do médico, o narrador não deixa isso tão explícito, pois busca apresentar todas as personagens de igual modo.

Além disso, caminhando para dentro da obra, todas as personagens, como a mulher do médico, o médico, a rapariga (mulher/moça) de óculos escuros, rei da ala 3, nenhum deles são especificados por seus nomes, apenas por alguma referência. A cidade/estado ou país onde ocorre a narrativa também não é citado, apenas o local onde todas as pessoas contagiadas pela epidemia são colocadas (ou aprisionadas), que é o manicômio. Contudo, justamente as temáticas abordadas na obra a tornam única e tão relevante para a literatura da época e atual.

A narrativa começa quando um homem, dentro de um carro aguarda o sinal que está vermelho ficar verde para sua passagem ser liberada, fica subitamente cego. Ao invés da cegueira normal, em que os relatos são de estar na escuridão infinda, na obra é apresentada uma cegueira branca, o primeiro cego define como “um mar de leite” (p. 14). As demais cegueiras acontecem em esquema de cadeia, uma estava ligada à outra. O primeiro cego vai ao consultório do médico, na sala de espera estão outras três personagens que se tornam relevantes pois também serão alcançadas pelo denominado “mal-branco”, um velho com uma venda preta num dos olhos, um rapazinho que parecia estrábico e a rapariga de óculos escuros (p. 21). A epidemia se espalhou rapidamente, com isso, o Governo direciona os até então infectados para um antigo manicômio, determinando uma quarentena. Juntamente com os cegos, vai também a mulher do médico, que não é atingida pelo mal, mas finge estar cega para ficar perto do marido, pois sente desde então a necessidade de cuidar do seu cônjuge.

A saúde se torna algo cada vez mais precário, as condições de vida humana pioram catastróficamente, o governo não age em favor da população e cada uma precisa lutar para garantir sua vida. Diante da situação cada vez pior, e o abuso de poder do rei da ala 3 e seus companheiros, que abusam das mulheres em troca de dá-lhes o alimento, a mulher do médico que continua enxergando se vê na posição de fazer algo para conter o problema. Resolve então matar o rei da ala 3 e seus companheiros no momento em que eles estivessem para violentar novamente ela e as outras mulheres. Após dias de sofrimento, ela executa seu plano e então encontra-se como líder ou cuidadora de todos aqueles que dependiam dela, as outras pessoas e nem seu próprio marido sabem que a mulher não havia perdido a visão. O romance se encerra quando todos vão gradativamente recuperando a visão e assim deixando sem relevância

o que foi a cegueira, o que poderia ser o mal-branco, esse mistério que, mesmo todos voltando a enxergar no final da história, não é solucionado.

A leitura de *Ensaio sobre a cegueira* concede um sentimento de vazio, de curiosidade, de incompletude. O que se retira da obra são reflexões e por essa razão que se torna tão densa. A mulher do médico, fingindo ser cega, não fica cega e todos os outros que, temendo a cegueira, ficam de fato cegos. Não é difícil pensar que Saramago ressignificou a cegueira em sua obra, pois reflete em um mundo de pessoas que mesmo possuindo olhos, não enxergam, já que estão cegas para as situações, para as emoções e para a vida como um todo. Existe então a necessidade de “fechar os olhos e ver”.

A obra de Saramago também marca o aspecto universal tratado inicialmente no presente artigo, não só isso, mas também o forte caráter da regionalidade, pois como já visto, na literatura não se refere apenas ao espaço rural ou físico, mas a toda ambientação de uma narrativa e, em análise comparativa, assim como Diadorim, no meio do sertão, a mulher do médico também teve que ser forte dentro do manicômio, cercada de intempéries e sofrimentos, assim como a jagunça de *Grande Sertão Veredas*. Portanto, diante da construção das personagens femininas das obras em análise, é notável como a regionalidade influencia na formação do caráter, tornando-as mais fortes; mesmo desprendidas do lugar de inserção, também são influenciadas por suas características e necessidades.

4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS E DOS AMBIENTES À LUZ DA REGIONALIDADE

4.1 A Regionalidade dentro de *Grande Sertão: Veredas*

Grande Sertão: Veredas inicia e se conclui como as águas de rio, sendo uma das maiores referências da natureza realizada por Riobaldo. A história do protagonista é fluida assim como o rio flui, haja vista que não se pode voltar atrás no que falou e suas decisões também não podem retroceder, tudo flui, tudo segue. A obra faz uma passagem entre os estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia e ainda inclui a travessia no Rio São Francisco, durante o período da República Velha.

Riobaldo, o protagonista e em posição de narrador-personagem, narra com detalhes o viver no sertão, não considerando apenas aquela visão de miséria tão comum em obras regionalistas, mas faz uma descrição pitoresca dos espaços, relatando a vida real, as dificuldades, mas também construindo um ambiente que a leitura e a imaginação se tornam leves, podendo se imaginar um lugar distante, vago e de vida tranquila, como no trecho: “lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador” (p. 13).

Ele também deixa a obra repleta de comparações com o presente dele “mas, hoje, que na beira dele (sertão), tudo dá - fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes.” (p.13). Riobaldo descreve o espaço, mas também apresenta o ser que vive no sertão com uma força superior, quando fala “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (p. 25). Apresenta o ser além do seu espaço físico, ponto que já pode ser observado com traço da regionalidade, pois ele diz sobre os seus jagunços que: “na rudeza deles, eles tinham muita compreensão” (p. 315). Vemos então a mudança citada por Bosi e que entendemos como regionalidade, pois apesar da natureza grosseira que o

ambiente proporcionou, a compreensão de mundo não se baseava apenas no lugar em que estavam inseridos.

As descrições sobre Diadorim acontecem através de Riobaldo, pois é importante novamente destacar que Riobaldo não sabia que o seu amigo Diadorim/Reinaldo era uma mulher. Ele o conheceu como menino pequeno, por nome de Reinaldo, quando estava passando pelo porto do “de’ Janeiro” (Rio de Janeiro) “Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível” (p. 79). De forma suave, Riobaldo descreve o menino Reinaldo com traços que apontam, normalmente, para o modo feminino, são traços que descrevem seu comportamento, sua entonação de voz, sua aparência, assim como também afirma que gostava de estar na presença de Diadorim e passou a considerá-lo um amigo. Conforme cresceu fisicamente, seu sentimento afluía mais, porém, sempre o reprimiu por entender que estava se apaixonando por seu amigo e até menosprezava o sentir.

O protagonista narra a sua história e suas incertezas, mas quanto a Diadorim, narra como sendo seu oposto, “Diadorim é a minha neblina” (p. 25), a partir disso podemos ver os traços da regionalidade marcados em Diadorim, Riobaldo a descreve sendo sua neblina por dois motivos que se podem compreender através de algumas falas; ele gostava de Diadorim e esse sentimento o dominava: “Ele (Diadorim) gostava, destinado, de mim. E eu - como é que posso explicar ao senhor o poder de amor que eu criei? Minha vida o diga. Se amor? Era aquele latifúndio. Eu ia com ele até o rio Jordão... Diadorim tomou conta de mim” (p. 143). Mas visto que achava que ela seria um homem, estranhava seu sentimento.

Outra característica que partia da própria Diadorim, o que para Riobaldo tornava-se como um nevoeiro, eram as suas certezas e convicções, tendo em vista que Riobaldo por vezes parece não pertencer ao sertão, pois o ambiente rígido que está inserido, o fato de ser um homem sem certezas, suas múltiplas dúvidas e as vezes, medos, norteiam parte de sua vida. Diadorim era seu oposto, já trazia crenças e suas firmezas que o ambiente a fez construir, e após a morte de Joca Ramiro (seu pai), o seu foco tornou-se apenas um. Mesmo em um cenário totalmente contrário ao seu próprio gênero, Diadorim rompe com os limites e avança até conquistar seu objetivo.

A sua grande certeza a levou para sua morte: “ele suspirava de ódio, como se fosse por amor” (p. 28); “Enquanto os dois monstros vivessem, simples Diadorim tanto não vivia. Até que viesse a poder vingar o histórico de seu pai” (p. 29). Diadorim significava como um pilar para Riobaldo, a construção da sua personagem fora forjada a partir do ambiente em que estava inserida, mas consegue um destaque maior, pois a personagem carrega valores que são desenvolvidos através de experiências diversas, não apenas no espaço rigoroso do sertão.

Diadorim enfrentaria a necessidade de matar, caso fosse, e também de morrer; por sua coragem e força, Riobaldo torna-se mais semelhante a ela após o interpasso do pacto que faz com o diabo. Em sua descrição ao senhor ouvinte para quem narra sua história, Riobaldo apresenta Diadorim como um ser completo que desempenhava várias funções e era excelente no que fazia, ao passo que ela sabia cuidar de serviços diversos em que ele não era tão bom, como o simples ato de lavar a roupa (serviço muito feito por mulheres, principalmente na época). Ela também era valente e guerreira quando se fazia necessário: “Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor.” (p. 32); e se referindo a força da Diadorim, descreve:

O Reinaldo. Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa! O senhor viu onça: boca de lado e lado, raivável, pelos filhos? Viu rusgo de touro no alto campo, brabejando; cobra jararacussú emendando sete botes estalados; bando doido de queixadas se passantes, dando febre no mato? E o senhor não viu o Reinaldo guerrear! (Rosa, 2019, p. 118).

Diadorim precisava sempre se manter forte tanto em razão do espaço físico que vivia e também para manter sua identidade. Não permitia que ninguém questionasse se ela seria mesmo um homem, como no episódio que Riobaldo narra, quando Fancho quer levantar dúvidas sobre a “macheza” de Diadorim já que era um galante moço e tinha as feições finas caprichadas; Diadorim então briga com Fancho, o ataca e fica pronta para o matar: “Deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se curvou em cima: e o punhal parou na ponta diantinho da goela do dito, bem encostado no gogó, da parte de riba, para se cravar deslizado com bom apôio” (p. 119). Ela precisava se manter firme, agir com cautela, não permitindo nenhuma ameaça que a pusesse mais em risco. E, apesar de sua grande confiança e sentimento por Riobaldo, Diadorim não revela ao amigo seu verdadeiro eu, apenas deixa-lhe transparecer a fortaleza que era, provavelmente em virtude disso que Riobaldo diz que Diadorim não era de conversar por longos períodos, “ele (Diadorim) gostava de silêncios” (p. 32).

No momento da guerra mais esperada em toda narrativa, Riobaldo assiste a tudo do alto da janela de um sobrado que aponta para onde o desfecho acontece, porém, está em transe que o enredo nos leva a entender como a possessão diabólica. Assiste toda a cena e vê Diadorim “cravar e sangrar o Hermógenes” (p. 425), mas nesse confronto Diadorim também morre. Nas linhas finais, ao limpar o corpo de Diadorim é que Riobaldo descobre que ela era mulher.

Diante da trajetória já exposta de Diadorim, é perceptível que sobre Diadorim, de forma intrínseca ao seu ser estava a força, a coragem, como ainda afirma Riobaldo: “Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins - que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor” (p. 432). Sua personagem foi construída forte como as raízes do sertão, mas não de modo a enrijecê-la tornando-a uma personagem insensível.

O sertão continua sendo sertão, lugar de grandes belezas, mas também de grandes dificuldades; desenvolve pontos importantes da personagem, porém não influencia ao modo de torná-la incompreensível. Esse é o ponto chave da regionalidade na personagem e no ambiente.

4.2 A Regionalidade dentro de *Ensaio sobre a cegueira*

Ensaio sobre a cegueira, do escritor José Saramago, é uma leitura densa e reflexiva, romance sem conclusão, mas que dialoga com o leitor em todos os momentos da narrativa. Ao leitor a sensação é de realmente estar vivenciando cada instante sem saber o que acontecerá. Isso porque a preocupação do escritor é construir uma cena que “cria um efeito de proximidade entre o leitor e a história narrada”, como especifica Franco (2013, p. 42).

Essa proximidade proporcionada pela leitura é uma das principais características de *Ensaio sobre a cegueira*, apesar de ser uma ficção distante do hoje, em relação à enfermidade que atinge as pessoas e até mesmo ao cenário apocalíptico que se

desenvolve, mas cada leitor pode se sentir dentro da obra, como já defendido por Coutinho (1995), porque é uma obra com assuntos do coletivo e que pode se tornar universal, e é justamente esse caráter universal que Saramago busca aplicar em sua obra.

A mulher do médico é a única personagem que em toda a trama não é acometida pela cegueira branca. Sem explicação, apenas continua a enxergar e por vezes demonstra que o seu querer era estar cega também: “e serenamente desejou estar cega também, atravessar a pele visível das coisas e passar para o lado de dentro delas, para a sua fulgurante e irremediável cegueira” (p. 65). Conforme a epidemia alcança a todos da cidade e do país fictício, os recursos como alimentação, bem-estar ou no mínimo um lugar apropriado para os doentes foram se tornando mais difíceis de existirem. À medida que o manicômio ficou lotado de pessoas, a cidade se tornou o habitat natural dos enfermos que não conseguiram mais voltar para suas casas ou não encontraram mais suas famílias e ficaram entregues à própria sorte.

A leitura nos apresenta o espaço totalmente arruinado, devastado e inóspito, tanto o manicômio quanto a cidade, o ambiente por sua vez, concorda, pois é frio, vasto, assustador, com uma atmosfera de injustiça e sofrimento. Provoca a sensação de que a qualquer momento algo irá piorar de maneira catastrófica; embora o leitor possa sempre torcer pela resolução da epidemia, o clima que mantém a narrativa é desenvolvido com as ações das personagens e com os dramas vividos que em nenhum momento são bons.

Também é cabível de ser realizada a análise considerando o espaço em que os primeiros cegos são colocados, o manicômio. O primeiro conhecimento sobre um manicômio e também o seu significado de acordo com o Dicionário de Oxford é: “estabelecimento para internação e tratamento de loucos”, o que entendemos por esse tipo de estabelecimento já é uma visão fechada e também sombria. O autor utilizou-se exatamente desse lugar para ambientar uma visão de trevas, de loucura e doença e com isso, construir a revelação do eu nas piores condições, trazendo à frente um obscurecimento do ser e esquecimento de suas boas ações. É nesse cenário que a obra acontece e nas personagens causam o sentimento de estarem perdidos.

A partir disso, é possível entender que os comportamentos das personagens de *Ensaio sobre a Cegueira* enquanto mais expostos às piores circunstâncias se assemelham às atitudes normais que todo e qualquer ser humano pode ter quando se deparam em contextos próximos. Em uma análise sobre o psicológico das personagens da obra em questão, Thelma, Elivandson e João Victor defendem que:

Os comportamentos apresentados no livro, em determinadas situações, levam o indivíduo ao extremo de suas capacidades emocionais, ao limite de seu aparato psicológico e dos instrumentos cognitivos de moral (Borges; Pereira; Silva, 2022, p. 274).

A obra nos faz encontrar com personagens que estão acometidos por uma doença que não tem explicações e por isso estão a todo momento estão amedrontados e apavorados com o que poderá acontecer. Um momento claro desse medo é quando o cego com a ferida na perna tenta pedir ajuda aos soldados que vigiavam o manicômio, daí o soldado vê o cego cambaleando em sua direção e tomado de susto ele dispara contra o cego e mata-o: “o medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa” (p. 80). A morte parece chegar dentro do manicômio e a grande dúvida parece ser qual será o próximo a morrer.

A mulher do médico é uma personagem que está no foco narrativo, desenvolve-se assim, pois primeiramente é a única personagem que durante toda a obra continua enxergando, e segundo, justamente pelo fato de enxergar, ela se sente na responsabilidade de ajudar aqueles que precisam, principalmente os que estão na mesma ala que ela e seu esposo: “Com habilidade, sem o parecer, a mulher do médico ajudou-os a alcançar a cama em que haviam estado” (p. 60).

Essa ação de cuidar que a mulher do médico apresenta foi desenvolvida dentro do manicômio e com a dependência que os cegos passaram a ter dela. Apesar do trabalho de cuidado apresentar forte ligação com o caráter feminino, entendemos nessa obra que o ambiente também proporcionou isso. Em paralelo a *Grande Sertão: Veredas*, como já citado, também conseguimos encontrar Diadorim cuidando das roupas de Riobaldo e por diversas vezes preocupando-se com o seu bem-estar. É possível perceber o traço da regionalidade em que algumas ações que já fazem parte do ser podem ser melhor desenvolvidas e intensificadas com as vivências em determinado lugar.

A personagem mulher do médico observa atentamente todo o contexto e as ações das outras personagens ao seu redor, quando discussões são geradas entre dois cegos por confundirem suas camas: “a mulher do médico olhava para os dois cegos que discutiam, notou que não faziam gestos, que quase não moviam o corpo, depressa haviam aprendido que só a voz e o ouvido tinham agora alguma utilidade [...] mas uma camarata trocada não valia tanto” (p. 102); quando os “cegos malvados” começam a prender o pouco alimento que ainda recebiam e se inicia o ponto alto da narrativa, com o processo de extorsão: “Uma vergonha, cegos contra cegos” (p. 138); e quando as mulheres foram obrigadas a prestarem relações sexuais com os cegos malvados para garantirem o alimento para si e para seus companheiros ou os demais das alas: “os cegos malvados mandaram recado de que queriam as mulheres”; “Se não nos trouxerem mulheres, não comem” (p. 165), muitas se negaram e foram terrivelmente violentadas.

Diante desse padecimento, a mulher do médico se enche de coragem e, apesar do medo, entende que aquilo é necessário para sua sobrevivência e das demais mulheres, por isso, planeja matar o cego chefe dos malvados e executa “cravando uma tesoura em sua garganta” (p. 185). No momento caótico, em busca de sair da camarata, leva consigo as cegas, foi ferindo outros cegos malvados, de modo que poucos restaram. Após o momento de tensão, ainda no corredor, suas forças foram regressando aos poucos, é quando vemos o narrador descrevendo a visão que a mulher do médico tem de si mesma. A partir daquele instante,

As lágrimas continuavam a correr, mas lentas, serenas, como diante de um irremediável. Levantou-se a custo. Tinha sangue nas mãos e na roupa, e subitamente o corpo exausto avisou-a de que estava velha, Velha e assassina, pensou, mas sabia que se fosse necessário tornaria a matar (Saramago, 2017, p. 189).

É possível encontrar em um momento de reflexão da mulher do médico, que se referindo ao manicômio, afirma “o mundo está todo aqui dentro” (p. 102). Podemos ponderar que seria impossível que todo o mundo estivesse em um delimitado espaço físico, ou ainda quando Riobaldo afirma que “o sertão está em toda parte” (Rosa, 2019, p. 13). A fala das duas personagens fazem uma troca e ainda assim permeiam com a mesma essência, marcando então a regionalidade das duas obras, o desprendimento do espaço geográfico, com o sentimento além do lugar, sabendo e entendendo o lugar em que estão, as suas características e tudo que rodeia. Mas, em uma visão geral,

não ocorre o sentimento de pertencimento ao determinado espaço físico, já que todo lugar que possibilite semelhantes vivências podem causar os mesmos traços. O que norteia isso é justamente a atmosfera que paira sob os ambientes e desenvolvem de modo completo e reflexivo as personagens.

Após a vivência turbulenta no manicômio, a mulher do médico perpassa de uma esposa com sua vida aparentemente normal, para uma mulher que as experiências pesadas a tornaram até assassina; “nós já não somos as mesmas mulheres” (p. 179). A construção da sua personagem ocorre de acordo com as necessidades que foram surgindo, principalmente quando precisou se manter firme e ser forte diante dos momentos ruins com o objetivo de sobreviver a toda situação caótica.

Ainda se faz notória e necessária a breve reflexão crítica que está presente no livro quanto ao Governo, que trata com tamanha negligência os viventes que estão de quarentena, com grandes responsabilidades e pouquíssimos recursos distribuídos; as ordens que são ditas pelas autoridades, que a qualquer sinal de rebeldia deveriam matar os que lá estão; os crimes que ocorrem, como o assassinato do ladrão de automóveis que buscava ajuda por estar com grande ferimento na perna. Diante das situações que, a cada momento mudam de estágio e chegam ao mais baixo nível de indignidade, é possível compreender que as pessoas que estão sendo narradas não são diferentes do mundo real.

A obra de Saramago também se torna universal, pois convida o leitor a analisar e refletir sobre seus atos, a questionar-se se em diferentes situações, mas com um mesmo ambiente formado, assim como a mulher do médico, também seria necessário mudar o modo de agir e se posicionar para lidar com as intempéries que surgem. Os assuntos difundidos entre as linhas estão ao alcance de todo ser humano consciente, não apenas dentro da obra, não apenas naquele espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto com as análises das obras e de suas personagens, o caráter feminino e seus posicionamentos se assemelham muito frente às situações que as personagens vivem. Diadorim e a Mulher do médico durante as narrativas escondem segredos e precisaram lutar para sobreviver; Diadorim, sendo mulher e estando inserida no jagunço, dentro das profundezas e perigos do sertão; e a mulher do médico, dentro de um manicômio, sendo a única que não foi acometida pela cegueira branca.

Encontramos as pinceladas da regionalidade nas características de personalidade atribuídas às duas personagens, precisaram ser firmes e desenvolver um dos mais belos atributos de todos os seres: a coragem; que se faz necessária nas dificuldades e envolve a capacidade de ultrapassar o medo e seguir com a vida apesar dos ambientes.

Mas também é perceptível que Diadorim e a Mulher do médico com as temáticas vivenciadas por cada uma foram além de seus espaços, as suas construções em ambientes conturbados as fizeram mais fortes. Entendemos, por fim, que a regionalidade influenciou tanto em *Grande sertão: veredas* quanto em *Ensaio sobre a cegueira*, embora estabelecidas em lugares geograficamente distintos e por meio de construções diferentes de personagens. Logo, é possível entendê-las e senti-las não apenas no meio rural ou urbano, mas em todos os meios, de modo geral e abrangente, assim como a Literatura é.

REFERÊNCIAS

BORGES, T. P.; PEREIRA, E. M.; SILVA, J. V. F. dos S. Vulnerabilidade psicológica: análise dos personagens do livro ensaios sobre a cegueira. **A Cor das Letras**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 272–287, 2022. DOI: 10.13102/cl.v22i3.5790. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/5790>. Acesso em: 30 out. 2023.

BOSI, Alfredo. Permanência e transformação do regionalismo. In: **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. p. 454-457.

CHIAPPINI, Ligia. Do Beco ao Belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. vol. 8. In: **Estudos Históricos**, p. 153-159. Rio de Janeiro, 1995.

COUTINHO, Afrânio. O regionalismo na prosa de ficção. vol. 2. In: **A literatura no Brasil**, p. 145-151. Rio de Janeiro, 1955.

FRANCO JR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas & ZOLIM, Lúcia. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2003. p. 33-56

GARBUGLIO, José Carlos. Fôlego de gato (o regionalismo e suas versões). vol. 3, In: **Acta Semiótica et Lingvistica**, p. 41-46. João Pessoa, 1979.

QUEIROZ, Mylena de Lima. Pacto diabólico [e outros pactos] em Grande Sertão: Veredas. 2018. 117f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade - PPGLI) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 559 p.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 310 p.

SOUZA, Olavo Barreto de; OLIVEIRA, Silvana Kelly Gomes de. Entre o regionalismo e a regionalidade: uma análise de Fogo Morto, de José Lins do Rego e A Moratória, de Jorge Andrade. In: **Ariano Suassuna: Influências, Confluências e uma vida em prol da cultura nacional**, p. 43-48. Recife, 2016.

AGRADECIMENTOS

É com profunda gratidão que expresso meu reconhecimento a todas as pessoas que contribuíram de forma significativa para a realização deste trabalho de conclusão de curso.

Primeiramente, agradeço a Deus pela sabedoria, força e orientação durante toda essa jornada acadêmica. Sua graça derramada foi minha base para enfrentar todos os desafios e alcançar este objetivo.

À minha família, em especial aos meus pais, pelo amor incondicional, apoio e incentivo constante ao longo dos anos e por sempre acreditarem em mim. Suas palavras de encorajamento e seus sacrifícios não passaram despercebidos, foram e são pilares essenciais para cada conquista.

Ao meu noivo, pela paciência e alegria em sempre me ouvir falando das leituras dos livros, seu apoio e amor são fortalezas nos momentos difíceis e refrigério nos dias caóticos.

À minha orientadora, Silvana, pela dedicação, paciência e orientação precisas. Seu profissionalismo, os insights valiosos diante da minha ideia inicial e sua disposição em partilhar conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores do curso de Licenciatura em Letras Português que contribuíram para o desenvolvimento da minha formação acadêmica, muitos foram fontes de inspiração ao longo deste percurso.

Aos amigos e colegas de curso, pela companhia, troca de experiências e momentos compartilhados, que tornaram essa jornada mais leve e enriquecedora.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, colaboraram, oraram e acreditaram que eu chegaria até aqui.

Que este seja não apenas um marco acadêmico, mas também o início de uma jornada de aprendizado contínuo e contribuições significativas para a sociedade.